o todo não é à parte

Uerj | CTC | Esdi
Rio de Janeiro, 2010

Natália Toledo de Lossio e Seiblitz

Orientadora: Noni Geiger

o todo não é à parte

Natália Toledo de Lossio e Seiblitz
Orientadora: Noni Geiger

Uerj | CTC | Esdi
Rio de Janeiro, 2010

Experimentar o experimental

Experimentar o experimental,
(...)
E agora, quer dizer, o que é que eu sou?
Meu nome é Wally Salomão, um nome árabe,
Wally Dias Salomão.
Nasci numa pequena cidade da caatinga baiana,
do sertão baiano.
Filho de pai árabe e uma sertaneja baiana…
"A memória é uma ilha de edição…
a memória é uma ilha de edição…"
Nasci sobre um teto sossegado,
meu sonho era um pequenino sonho meu.
Na ciência dos cuidados fui treinado,
agora, entre o meu ser e o ser alheio,
a linha de fronteira se rompeu!
Câmara de Éter.
"Eu tenho um pé no chão, porque eu sou de virgem, mas a cabeça, eu gosto que avõe"
(...)
É, vamos inventar: "era uma vez…"

Wally Salomão
disco: O SILENCIO QUE PRECEDE O ESPORRO, música: O Salto II., 2003

Agradecimentos

À minha mãe, ao Tiago, à Yuki, Babi e Kiwi, que estiveram ao meu lado em todos os momentos mais ‘tensos’.

À minha orientadora, Noni Geiger, por todo o carinho e atenção.

À minha avó Zélia, que me ajudou e incentivou nos primeiros passos desse projeto.

Ao bailarino Edson Hafik, pela gentileza de concordar em posar para as fotos do projeto.

À todas as Caballeras e professoras do Asmahan, principalmente Jhade Sharif (minha mamãe de dança) e Nadja El Balady, por servirem de modelo para o projeto e de revisoras de texto. Também à Assíris Al Qamar, pelos estudos de fotos iniciais e auxílio na parte teórica.

E a todos os que, de alguma forma, cruzaram meu extenso caminho esse ano.

Resumo

‘O todo não é a(à) parte’ é um projeto que visa promover o reconhecimento de semelhanças e possíveis influências de danças árabes nas expressões culturais brasileiras. Este consiste de três tipos de peças gráficas: flipbook; cartão postal e spread de revista. Todas têm em comum o objetivo de intrigar e surpreender o espectador ao perceber semelhanças inusitadas entre essas danças.

Palavras-chave

1. Danças árabes; 2. Danças brasileiras; 3. Flipbook;
4. Cartão postal; 5. Anúncio de revista; 6. Transculturalismo

Abstract

“The whole is not a part (apart)” [“O todo não é a (à) parte”] is a project that aims at promoting the recognition of similarities and possible influences of Arabic dances on Brazilian cultural expressions. The project consists of three graphic elements among a wider group: flipbook, postcard and magazine spread. Based on different communication strategies, they all have the common goal that is to awe and surprise the viewer, through unexpected similarities between these dances.

Key words

1. Arabic dances; 2. Brazilian dances; 3. Flipbook; 4. Postcard;
5. Magazine ad; 6. Cultural influences

Sumário

I. Introdução

Introdução 8
Inserção da proposta no tema "Cidadania" 10
Motivação e relevância 11

II. Pesquisa

Quem são os árabes? 13
Breve história da dança no Oriente Médio 15
Iconografia ligada à dança oriental no Ocidente 19
Árabes no Brasil e danças com possíveis semelhanças 25

III. Conceituação

Problematização 29
Objetivos 30
Descrição do projeto 31

IV. Definições projetuais

Conteúdo 34
Referências de interesse para o projeto 39
Suportes 47

V. Desenvolvimento do projeto

Produção fotográfica 50
Partido gráfico 53

- Definições gerais
- Logotipo
- Pictograma
- Flipbook
- Cartão postal
- *Spread* de revista

VI. O projeto

Flipbook 68
Cartão postal 74
Spread de revista 80

VII. Referências

Bibliográficas 87
Internet 88
Créditos das imagens 91

I. Introdução

Introdução

> "Na música e na dança, o ser humano se expressa como membro de uma comunidade superior. Ele se esquece de como andar e falar e se prepara para voar pelos ares, dançando... seus gestos mais puros expressam encantamento."
>
> Friedrich Nietzsche[1]

O Brasil é um país que tem como forte característica a diversidade cultural. Possui a pluralidade típica de um povo que tem em sua formação índios, africanos, europeus, orientais, enfim, pessoas oriundas de diferentes partes do mundo e por isso, com diferentes culturas. Porém, com o passar dos anos grande parte das particularidades dessas culturas acabaram se desassociando. Algumas foram misturadas nesse grande 'caldeirão' cultural, se mesclaram e deram origem a novas formas de manifestações culturais.

O tema central proposto para os projetos de graduação desse ano foi "Cidadania". Dentro deste, tratarei de manifestações culturais que estão presentes em todos as comunidades: as danças.

Para o meu projeto, escolhi abordar as semelhanças entre as culturas árabe e brasileira através das danças. Os motivos para essa escolha foram: o fato de eu estudar danças árabes há cinco anos e a existência de um grande contingente de imigrantes árabes que moram no Brasil. O agravante é que, mesmo depois de tanto tempo - em torno de 130 anos – de convivência com árabes, grande parcela da população brasileira não conhece tais danças e nem imagina como elas podem ter influenciado danças brasileiras.

Reconhecer essas semelhanças aproxima a realidade da população 'não-árabe' com a realidade da população árabe. É um princípio básico de antropologia - o ser humano sempre irá achar que a sua cultura é a natural, portanto, quanto mais os costumes de um outro povo se aproximam do seu próprio, preconceitos são quebrados e é possível uma aceitação respeitosa da cultura do outro sujeito.

Portanto, o projeto consiste em instigar e causar no espectador, através de diferentes peças gráficas, sensação de surpresa ao

1. Citação retirada do livro 'Middle Eastern Dance'. Versão original: "In song and dance, man expresses himself as a member of a higher community. He has forgotten how to walk and speak and is on the way into flying into the air, dancing... his very gestures express enchantment."

perceber semelhanças entre danças árabes e brasileiras, que podem indicar influências diretas ou indiretas em nossa cultura, promovendo uma aproximação da cultura árabe com a brasileira, de modo a facilitar a aceitação e respeito por esta.

Esse trabalho faz parte dos projetos de conclusão de curso de ano de 2010, da Escola Superior de Desenho Industrial.

Inserção da proposta no tema "Cidadania"

Esse ano todos os projetos devem se inserir no tema "Cidadania".

Normalmente, ao falar em cidadania, a primeira coisa que pensamos é que ser cidadão é ter consciência de que é sujeito de direitos. Direitos esses ligados à vida, à liberdade, à propriedade, à igualdade, enfim, direitos civis, políticos e sociais. Porém, cidadania pressupõe também deveres. O cidadão tem de ser cônscio das suas responsabilidades enquanto parte integrante de um grande e complexo organismo que é a coletividade, a Nação, o Estado, para cujo bom funcionamento todos têm de dar sua parcela de contribuição.

Esse projeto atua no reconhecimento e consequente integração entre as culturas árabe e brasileira, além de promover o respeito e aceitação por parte da população brasileira com a árabe. Conhecer e respeitar o outro é um exercício de cidadania.

Também atua na preservação de patrimônio imaterial do mundo, que são as danças folclóricas, tanto as árabes quanto as brasileiras.

Motivação e relevância

Estudo e pratico danças orientais árabes há cinco anos e possuo registro profissional de artista dançarina, além de fazer parte do quadro de professoras da Escola de Artes Orientais Asmahan. A dança faz parte da minha vida tanto quanto o design passou a fazer, após eu ter ingressado na ESDI. Durante todo o curso, a dança permeou meus projetos.

Sendo este um projeto de conclusão de curso, a minha pretensão é unir os meu dois focos de estudo durante esses cinco anos.

Considero esse um projeto relevante, pois não há similares, e a dança oriental ainda é praticamente desconhecida pelos brasileiros. Ele auxiliará e promoverá a integração entre as culturas árabe e brasileira, além de respeito e aceitação por parte da população brasileira com a árabe. Conhecer e respeitar o outro é um exercício de cidadania.

Também atua na preservação de patrimônio imaterial do mundo, que são as danças folclóricas, tanto as árabes quanto as brasileiras.

II. Pesquisa

Quem são os árabes?

Árabes são um ramo dos povos semíticos que habitavam a península arábica. Inicialmente, eram formados, em sua maioria, por nômades politeístas: os beduínos. Considerando os estudos anteriores da história árabe, a questão mais difícil, que opõe historiadores e pesquisadores, é a escassez de vestígios históricos deixados devido à natureza de suas vidas, caracterizada pela instabilidade típica dos nômades, sempre andando pelos desertos.

Mas a maioria dos historiadores remonta a origem dos árabes a "Sem, filho de Noé", do qual descendem todos os povos semitas. Eles teriam habitado a península como grupos independentes uns dos outros, sendo atribuído a cada grupo o título de "Tribo" (Clã). Provavelmente, a geografia e os fatores naturais da península arábica exerceram grande impacto na formação dessas tribos árabes e no modo em que viviam e se relacionavam com povos de outras civilizações. Além das religiões politeístas, já havia na época a disseminação de pequenas comunidades judaicas e cristãs.

É interessante ressaltar que as manifestações religiosas das tribos da península baseavam-se praticamente na adoração de ídolos, e por causa disso, muitos se deslocavam regularmente à Meca a fim de prestar homenagens e sacrifícios às várias divindades presentes naquele local. Um destes vários templos era a "Caaba" que supõe-se ter sido construída por Abraão e abrigava a Pedra Negra, um fragmento de meteorito de forma cúbica protegido por uma enorme tenda de seda preta.

A atração por motivo religioso também possibilitava a realização de grandes negócios, que acabaram formando uma rica classe de comerciantes em Meca. Em 610 d.C., com o surgimento do Islamismo e o seu crescente número de seguidores, os comerciantes da cidade sentiram-se ameaçados pela nova religião, pois acreditavam que o comércio gerado pelas peregrinações politeístas seria aniquilado. Com isso, muitos muçulmanos foram perseguidos nas proximidades de Meca, o que levou o profeta Maomé a se refugiar na cidade de Yatreb, onde conquistou uma significativa leva de convertidos que pressionaram militarmente os comerciantes de Meca. Percebendo que não possuíam alternativas, os comerciantes decidiram reconhecer a autoridade religiosa de Maomé, que se comprometera a preservar as divindades milenares da cidade de Meca.

Existe uma grande lacuna na história árabe antiga até o surgimento do Islamismo na península arábica, devido à natureza

nômade dos povos que ali viviam. Visto que, a procura do conhecimento é um princípio fundamental da religião islâmica, este foi responsável pela documentação de grande parte da história, além de contribuir para o desenvolvimento humano em geral em variadas áreas da arte, filosofia, medicina, astronomia, matemática, física e navegação.

Hoje, árabes são os cidadãos de 22 países (Egito, Iraque, Jordânia, Líbano, Arábia Saudita, Síria, Iêmen, Líbia, Sudão, Marrocos, Tunísia, Kuwait, Argélia, Emirados Árabes Unidos, Bahrein, Qatar, Omã, Mauritânia, Somália, Palestina, Djibouti e Comores) que falam a mesma língua, o árabe, e são socialmente e culturalmente compatíveis, partilham o mesmo patrimônio histórico, cultural e as mesmas tradições, mas mantendo suas individualidades e tradições locais distintas. Não são necessariamente da mesma etnia árabe do passado, são um povo heterogêneo, e nem todos são muçulmanos, existindo importantes grupos de árabes judeus e cristãos.

Breve história da dança no Oriente Médio

Nunca nenhuma dança fascinou tantos artistas, escritores, viajantes e tantas outras pessoas. Originalmente executada por mulheres da região do Oriente Médio e do Norte da África, atualmente é popular pelo mundo todo. Porém, diferente de outras danças como o Flamenco, o Tango ou o Ballet, não há um nome oficial para esta arte. Ficou popularmente conhecida no Ocidente como "dança do ventre", nome que, com o passar dos anos ganhou um caráter degradante. Por isso, muitas bailarinas profissionais usam apenas o nome de "dança oriental" ou "raks el sharqi" (que em árabe significa "Dança do Leste" ou "Dança do Oriente").

Porém, a "dança oriental" / "raks el sharqi", apesar de ser a mais popular, é apenas uma das muitas encontradas no Oriente Médio. E, embora existam também diversas danças árabes masculinas, acredita-se que a prática da dança no Oriente Médio teve início em danças femininas ritualísticas, que tinham como base o uso de movimentos pélvicos ondulatórios e de quadril. Tais movimentos são comuns até hoje na grande maioria das danças dessa região. Chamarei estas danças femininas de "danças do sagrado feminino", e é possível ver que estiveram presentes pelo mundo todo no passado, quando dançar era uma forma de, diariamente, fazer preces ou 'elevar-se' às divindades. Porém, com o desenvolvimento das culturas primitivas, esses rituais passaram a ser reprimidos e muitas vezes esquecidos, sobrepostos por outros.

Devido à escassez de informação histórica só podemos fazer suposições sobre as origens da dança no Oriente. Mas, apesar das divergências sobre seu berço original, todas as suposições afirmam que as danças árabes femininas atuais seriam o último vestígio do ritual das sacerdotisas no Oriente Médio e uma das mais antigas formas de arte.

A sua origem remonta de muito tempo antes das três religiões monoteístas - vem de uma época pagã de culto a muitos Deuses e à natureza. A chamada Deusa Mãe era adorada, sexo e nascimento eram sagrados; nesse período muitas sociedades provavelmente eram matriarcais, a dança era de cunho sagrado, sendo realizada em templos, por sacerdotisas que dedicavam suas vidas a cultuar as Deusas em rituais de fertilidade e prosperidade. Nesse contexto, a dança no Oriente viveu sobre caráter sagrado.

Antropólogos sugerem que o surgimento das 'danças do sagrado feminino' datam de, mais ou menos, 30.000 a.C. no período Paleolítico Superior. O motivo para isso foi a descoberta, na Áustria, de

uma escultura, a 'Venus de Wilendorf', datada de 25.000 a.C.; um dos artefatos mais antigos já descobertos até então. A escultura retrata uma figura feminina, com seios, barriga e vulva extremamente volumosos - daí o motivo para a crença de que tal artefato tenha tido um importante papel ligado a ritos de fertilidade.
Existe também outro relato de 6.000 a.C, já no Oriente Médio. São pinturas de dançarinas nas paredes e diversas estatuetas de figuras femininas em Catal Huyuk, na Túrquia, um sítio arqueológico do período Neolítico.

Por volta de 4.000 a.C, os Sumérios, os Babilônios e os Assírios cultuavam divindades femininas. A 'dança do sagrado feminino' era realizada nos templos, apenas por sacerdotisas, como oferenda e prece às Deusas, como Inana e Ishtar. Era chamada de 'dança da fertilidade', uma dança que tinha como 'função' colocar em relação direta o ciclo fértil da mulher e os ciclos férteis da própria terra. Na Bíblia, ela faz diversas aparições, uma delas, muito marcante, a chamada 'dança dos sete véus´, que na verdade é uma distorção do mito da 'dança de shalom', associada à deusa Ishtar. A 'dança sagrada feminina' também era usada no Egito antigo (em torno de 4.000 a.C.), nos templos, por sacerdotisas, pedindo aos deuses fertilidade e prosperidade para a terra.

Porém, foi também no Egito, em torno de 2.700 a.C., que a 'dança do sagrado feminino', pela primeira vez, pelo menos no Oriente Médio, saiu dos Templos, e ganhou caráter de entretenimento. Imagens como 'O Banquete' encontrada na tumba de Netumun, datada de 1.400 a.C., ilustra o desenvolvimento de técnica coreográfica e musical na cultura egípcia. Esse período é considerado como de transição das bases matriarcais para patriarcais. As mulheres agora dançavam apenas para entreter os nobres, enquanto as danças ritualísticas passaram a ser realizadas apenas por homens do poder (reis ou sacerdotes). A dança ritual, que antes envolvia toda a comunidade, foi substituída pela dança de entretenimento, realizada por profissionais.

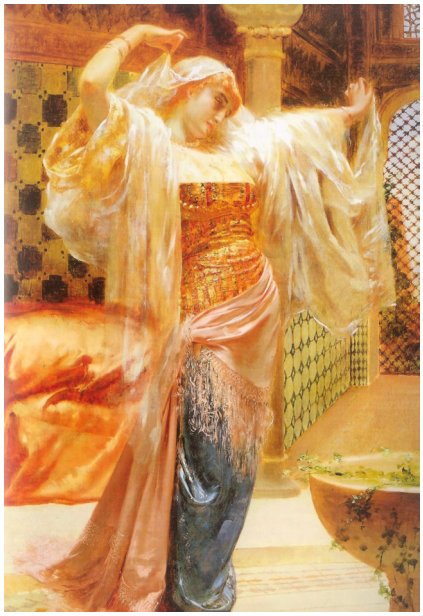
Com o advento das religiões patriarcais (Judaísmo, Cristianismo e Islamismo), que foram aos poucos se fortificando cada vez mais, a dança feminina passou a ser vista com um misto de fascínio e desprezo. A maioria das bailarinas que se apresentavam em público eram versadas, sabiam contar histórias e tocar instrumentos musicais, porém, acabavam tornando-se concubinas. Por isso, eram mal vistas pela sociedade. Porém, a dança feminina, por possuir grande poder sensual e terapêutico, levou as mulheres que não eram bailarinas a manter a dança viva dentro de suas casas por várias gerações.

Quanto às influências que formaram as danças dessa região, desde a época da rota das especiarias, o Oriente Médio foi um centro efervescente de cultura. Muitos povos passavam por lá, dentre eles: persas, turco-otomanos, fenícios, indianos e espanhóis. Sem contar com a grande quantidade de beduínos e outros povos nômades dos desertos. Esse convívio próximo de tantas culturas promoveu fusões culturais. Acredita-se que ciganas vindas tanto dos desertos quanto da Índia tenham influenciado fortemente o espírito alegre e vibrante presente nas danças orientais (árabes) até hoje. Uma destas ciganas eram as Ghawazee, que dançavam nas ruas em troca de dinheiro. Por isso, precisavam chamar atenção das pessoas ao redor. Com elas, a dança ganhava até mesmo um caráter circense, com malabarismos e provas de aptidão em equilíbrio, além de tocar instrumentos enquanto dançavam.

Ghawazee.
David Roberts. Litografia. 1842.

Tal vibração, vinda dos povos ciganos, pode ser vista atualmente em festas de casamento, aniversários e outras celebrações, dançadas tanto por homens quanto por mulheres. É importante lembrar que cada região incrementou sua particularidade e, devido ao fato de serem muitas as tribos que formavam a península, e até mesmo os muitos povos que passavam por esses países, cada qual tinha seus costumes.

Em algumas regiões, a dança ainda era vista como forma de arte. No Egito, mulheres intelectuais tornavam-se “Almeh”, ou bailarinas ‘ensinadas’ , que eram muito requisitadas para festividades, especialmente casamentos. A Almeh mais velha treinava mulheres que passavam a ser respeitadas pela sociedade simplesmente por sua dança. As Almeh e outras bailarinas da ‘alta sociedade’ tornaram-se musas de artistas ocidentais - era o Orientalismo chegando à Europa dos séculos XVIII e XIX.



A solista.
Edouard Richter. Pintura à óleo. Séc. XIX.

Os haréns opulentos e as 'odaliscas' passaram a ser ícones que influenciavam toda uma geração artística européia. Provavelmente, a dança chegou ao Ocidente depois de Napoleão ter feito suas expedições ao Egito, onde tomou conhecimento, e na volta à França levou bailarinas com ele, que passaram a se apresentar em Cassinos e até Cabarés. Foi na França que ganhou o nome de *"danse du ventre"*.

Em 1893, na Exposição Mundial de Chicago (World's Fair: Columbian Exposition), bailarinas árabes foram levadas aos Estados Unidos, e uma bailarina em especial ficou conhecida como "Little Egypt". Elas dançavam o que primariamente foi chamado de *"hoochie koochie"*, e que posteriormente, por causa do termo francês *danse du ventre* passou a ser chamado pelos americanos de *"bellydance"*. À partir dai, a dança do ventre tornou-se popular, ganhando espaço nos palcos e no cinema.

Muitas das noções ocidentais que formam a imagem de uma bailarina de dança do ventre - como o figurino brilhante de duas peças - foram, na verdade, invenções de Hollywood. Ainda mais fascinante, e irônico, foi o fato de que o Oriente adotou o novo figurino e o adaptou para a sua própria indústria cinematográfica em desenvolvimento.

No século passado, houve uma grande evolução da dança Oriental ou raks el sharqi, ela se espalhou por todos os países e trouxe consigo - embora na maioria para os próprios praticantes - danças folclóricas de diversas regiões do Oriente Médio.

Portanto, podemos olhar para estas tantas danças orientais árabes não só como uma das muitas variações da expressão humana, mas também como arte, inspiração teatral, prática terapêutica e como a cultura de um povo. É dança, é movimento, portanto, vida.

Iconografia ligada à dança oriental no Ocidente

Almeh dançando com espada.
Jean-León Gérôme. Pintura à óleo. 1870.

Dançarina turca.
Cartão postal. 1890.

Fotografia de um filmete sem título.
Virada do séc. XX.

O Orientalismo tem seu começo na Europa no século XIX, após a entrada de Napoleão no Egito, quando vários ocidentais (europeus) passaram a fazer do Oriente Médio destino de suas viagens. Dentre estes viajantes estavam vários escritores e pintores. Estes retrataram, apesar de nem sempre com total veracidade, diversas cenas do cotidiano daqueles países.

O movimento artístico orientalista durou mais de um século e incluiu centenas de artistas. Alguns deles se especializaram em paisagens, ou construções, outros recriaram cenas bíblicas, entre muitas outras coisas. Mas, talvez, o que mais marcou a mente ocidental tenha sido as pinturas que retratavam pessoas, em sua maioria mulheres, quase sempre seminuas, dançando ou tocando algum instrumento. A sensualidade daquelas imagens contrastava com a vida do ocidente, e por causa disso tornavam-se ainda mais atraentes. A ideia de haréns com mulheres lindíssimas, o mistério e a sedução tomaram conta do imaginário ocidental.

Dança no pôr do sol.
Otto Pilney. Meados do séc. XIX.

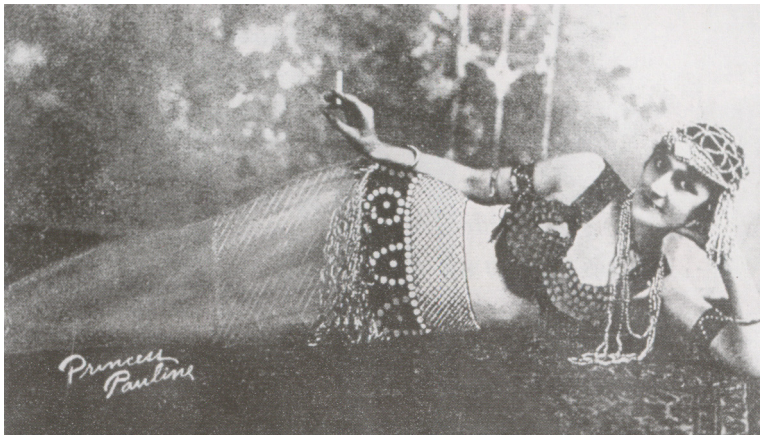
O "Art Nouveau" foi também fortemente influenciado pelo oriente (tanto o extremo quanto o médio). As linhas contínuas e orgânicas, aspecto principal da arte islâmica, se tornou a marca do movimento Art Nouveau. Isso se manifestou também nas lindas mulheres de longos cabelos e corpos curvilíneos.

Postais que retratam a fantasia oriental.
1900-20.

A partir de 1893, na Exposição Mundial de Chicago[2] (World's Fair: Columbian Exposition) e com a apresentação da bailarina conhecida como "Little Egypt" o *hoochie koochie* ou o que conhecemos hoje como dança do ventre se tornaria parte do imaginário burlesco americano.

Durante as duas primeiras décadas do século XX, a dança na América e na Europa passou de mero divertimento ao status de arte, capaz de expressar as mais profundas experiências humanas de vida. Isadora Duncan foi a primeira a desafiar e transformar esse antigo conceito. Para ela, dançar era mais do que apenas a expressão humana da beleza - poderia ser algo ainda mais profundo, que mexesse com seu interior.

De longe, a maior fonte de inspiração desse período da "nova dança" no ocidente foi o oriente. O Orientalismo havia permeado a vida das pessoas durante um século e já fazia parte de suas vidas, desde quadros até tapetes e artigos de decoração. Embora, aquela fosse a visão do oriente conforme a fantasia do ocidente. Consequentemente, uma dança oriental ocidentalizada tomou forma, com uma combinação de movimentos de tórax, com poses dramáticas e representações de rituais. Movimentos explícitos com o quadril eram um tabu.

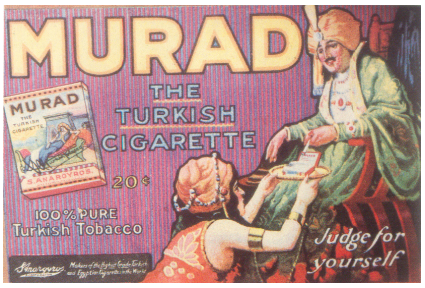


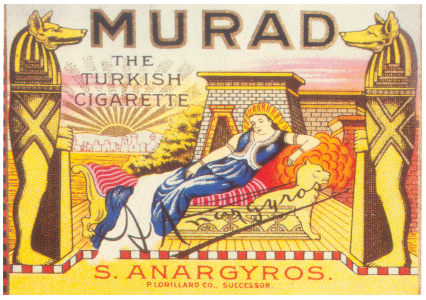
Fantasia oriental.
Fotografia..1900-20.

Isso só foi possível, pois o papel da mulher começou a se transformar na sociedade. Elas passaram a ser mais ativas, as saias encurtaram e os espartilhos que antes moldavam os corpos não

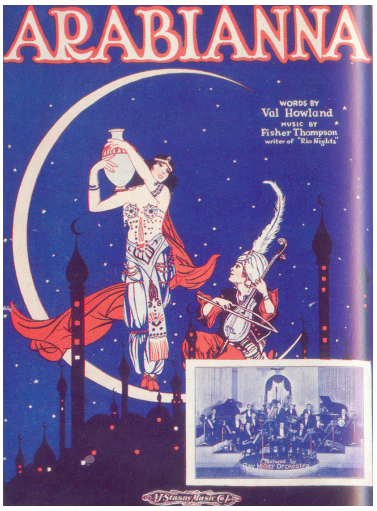
2."World's Fair: Columbian Exposition" foi uma feira, quase um parque temático, que aconteceu em Chicago no ano de 1983 em comemoração aos 400 anos da Descoberta da América por Cristóvão Colombo. Abrigou 46 nações, e era dividida em uma área para exibições, com diversos pavilhões (onde ficavam as nações) e outra para 'diversões' (roda gigante e etc). O evento tomou proporções gigantescas e tornou-se um local não só para diversão, mas também para troca de informações, de apresentar o novo, quer fosse uma invenção ou a cultura de outro país.

mais eram utilizados por todas. As mulheres agora possuiam liberdade dos movimentos corporais, fora do espartilho.





Pacotes de cigarros turcos.



Capas de partituras musicais.
Meados da década de 1920.

A dança oriental, com seus movimentos sinuosos e suas ondulações, tornou-se possível, já que as mulheres agora possuíam o torso livre. Houveram vários motivos para a crescente popularidade da dança oriental (do ventre). Primeiramente, ela era essencialmente auto-expressiva, e era um período em que a dança tornava-se algo subjetivo e que evocava emoções. Sem contar as conotações de mistério e sensualidade que a dança trazia consigo.

Uma maneira de trazer esse mistério era através do uso do véu, presente em diversas representações do feminino do oriente. Adorado pelos artistas do Art Nouveau, o véu era um importante acessório para o exército de dançarinas 'exóticas' que surgiram. A dança 'exótica' consistia em poses teatrais, contorcionismos, poses simuladas de gestos faraônicos e no ato de 'mostrar e esconder' graciosamente o corpo com o véu.

Ruth St. Denis e Ted Shawn.
1916.

A bailarina Ruth St Denis, que era autodidata, teve um importante papel na disseminação da dança oriental no ocidente. Sua maior inspiração era o Oriente Médio, ou melhor, a sua própria visão sobre ele. O show "Egypta", que foi inspirado por um comercial de cigarros, só pôde estrear em 1910, quando a dança 'exótica´ era popular o suficiente para que alguém investisse em sua produção. No elenco haviam bailarinos ensinados por ela, que representavam cortesãos, escravas e soldados. Ruth era a figura central em cada cena, vestida numa túnica plissada semi-transparente. Usava uma peruca trançada com conchas e miçangas e seus olhos eram fortemente contornados no estilo das pinturas faraônicas.

St Denis criou sua própria dança, e seu próprio mito pessoal. Foi através dela que europeus e americanos construiram a primeira idéia da dança oriental. Fundou a Escola Denishawn na Califórnia, onde deu aulas, inclusive para atrizes de Hollywood que participariam de filmes em que a dança oriental estaria presente.

A escritora e dançarina francesa Gabrielle Sidonie Colette, cujas obras de ficção retratavam a vida de mulheres que viviam à margem da sociedade, normalmente bailarinas, dependentes de sua beleza e charme para sobreviverem, realizava esse tipo de dança em cafés e festas da sociedade. Por isso, nos deixou com alguns escritos importantes sobre o tema. Ganhou certa notoriedade ao aparecer de seios nus em uma revista sobre arte e música. E escreveu um fragmento que mostra bem a imagem que se fazia das danças do Oriente Médio: "A bailarina nua tem um significado diferente no estilo egípcio, e isso implica em 5kg de metais, cintos e ornamentos, muitos cordões e uma quantidade sem fim de véus."

Mata Hari.
Reutlinger.

Diversas dançarinas recorreram à imagem que se fazia do oriente para aumentar sua credibilidade. Mata Hari era uma delas, que obteve grande sucesso como ´dançarina oriental´. Colette, que tinha um olho afiado (e uma caneta ainda mais afiada), quando se deparava com absurdos da febre da dança oriental, criticou Mata Hari. Escreveu como resposta a uma crítica que dizia que Mata Hari era superior até mesmo à Isadora Duncan:

> "Palavras podem dar a ideia da beleza e poesia de sua dança, mas nada inanimado vai produzir tanta emoção numa performance, nem a cor e harmonia da figura oriental. Era uma planta tropical em toda sua riqueza, transplantada para o solo do Norte."

Mata Hari dizia ser descendente de dançarinas de templos do Oriente Médio. Para despistar seus críticos, apresentou seu show como 'dança sagrada'. Em 1905, conheceu Emile Guimet, em Paris, um importante orientalista da época. Ele conhecia o oriente o

Theda Bara no filme 'Salome'.
1918.

Figurino oriental no filme 'Intolerance'.
Dirigido por D. W. Griffith.1916.

Figurino oriental tipicamente Hollywoodiano.
1952.

bastante para saber que ela era uma impostora, mas, resolveu apostar no nome da mulher que já estava criando fama na alta sociedade. Ele ofereceu sua coleção de jóias e tecidos orientais para serem usados por ela nas performances.

Ambiente intimista, velas vermelhas atrás de painéis de vidro, o aroma do incenso, pétalas de rosa pelo chão - esse era o ambiente no qual Mata Hari fazia sua performance. À partir daí, se viu cheia de pedidos para 'dançar' ou apenas participar de festas particulares da alta sociedade.

No cinema, a dança começou a aparecer nos filmes mudos. Os diretores descobriram o poder da dança de prender a atenção da audiência sem a necessidade de palavras, assim como para criar uma atmosfera sensual na cena. Sem contar com a grande quantidade de filmes que contavam histórias bíblicas.

O público não quer mais a heroína vitoriana, prefere as sedutoras, *femme fatale*. Surge Theda Bara, cujo anagrama em inglês significa "morte árabe". Em torno de sua imagem foi criada uma história de vida - diziam que ela nasceu nas sombras das pirâmides, bebeu sangue de serpentes, que seu pai era um sheik do deserto e que um amante cometeu suicídio em seu quarto. Ela usava roupas ditas do Oriente Médio, fingia não falar inglês e tinha um criado Núbio que passeava junto com ela em sua limusine.

Seu traje foi o percursor da roupa de dança que conhecemos atualmente: sutiã ornamentado e uma saia que revela as pernas por causa de suas fendas e transparência.

Cartaz de filme de Hollywood.
Década de 1950.

Os filmes feitos no Egito na década de 1920 foram o foco do entretenimento no mundo árabe. Eles eram extremamente populares e a dança do ventre (raks el sharqi) estava sempre presente. As bailarinas eram as heroínas. Hollywood influenciou fortemente nesses filmes, a fantasia da dança oriental foi 'filtrada', e inconscientemente parodiada pelas bailarinas árabes em seu desejo por seguir o comportamento e a moda do ocidente.

Samia Gamal e Farid al Attrache em filme egípcio.

Tahia Carioca dançando em um filme egípcio com figurino folclórico.
Década de 1930.

Árabes no Brasil e danças com possíveis semelhanças

Para indicar como a cultura árabe está presente na cultura brasileira e apontar possíveis relações entre danças das diferentes culturas, é bom entender como e quando foi a chegada da cultura árabe no Brasil.

Creio que a influência árabe no Brasil tenha se dado primeiramente através de nossos próprios colonizadores, os portugueses, que por sua vez, viveram durante anos seguidos sob o domínio árabe. Esse domínio ocorreu em toda Península Ibérica, que recebeu o nome em árabe de Al-Andalus e que aconteceu entre os anos de 711 até 1609, quando o último árabe foi expulso da Espanha.

Essa influência também aconteceu, diferente do que muitos pensam, por meio de escravos africanos muçulmanos. Denominados sobretudo de "malês", foram responsáveis por diversas insurreições de escravos no Brasil, com destaque para a Revolta dos Malês, em 1835, em Salvador. Entre os milhares de escravos muçulmanos, muitos conheciam a língua árabe, e por vezes sua escrita, e a utilizavam para trocar informações sobre os levantes contra a escravidão.

Em meados do séc. XIX, no principal relato de viagem de um árabe muçulmano ao Brasil, o imã bagdali 'Abdurrahman bin' Abdullah al-Baghdádi ad-Dimachqui descreve as práticas e crenças da comunidade muçulmana, em particular dos remanescentes dos malês, a utilização de amuletos e tabuinhas de escrever, os quadrados mágicos e adivinhação praticada por alguns muçulmanos no Brasil, especificamente em Pernambuco. Al-Baghdádi, que viajou ao Brasil em um navio do Império Otomano, decidiu permanecer no Rio de Janeiro, em Salvador, e em Recife após identificar nessas cidades a presença de muçulmanos de origem africana que eram bastante organizados e buscavam orientações. Trata-se de uma comunidade em que o Islã era um fator de confraternidade.

A vinda dos primeiros árabes do Oriente Médio ao Brasil verificou-se antes de 1880. Para Manuel Diegues Júnior ("Etnias e culturas no Brasil", 1980), sírios, turcos e libaneses já viviam no país desde a época colonial, uma vez que Portugal mantinha relações comerciais com a Síria.

No entanto, sabe-se que na segunda metade do séc. XIX, por volta do ano de 1870, a imigração árabe se deu de forma bastante

acentuada devido ao período de conflitos políticos e econômicos em razão do domínio do Império Otomano na região do Oriente Médio. A maior parte era de imigrantes sírio-libaneses cristãos que vinham para o Brasil fugidos da dominação Otomana e em busca de enriquecimento rápido para um possível retorno, no futuro, à terra natal.

Porém, o período de maior fluxo migratório árabe, especialmente sírio-libanês, foi entre 1920 e 1930. A partir daí, os árabes já estavam infiltradas no país, muitos já estavam com filhos nascidos no Brasil, trabalhavam no comércio, e eram donos de suas próprias lojas e por isso aqui permaneceram.

Imagem do Salão Mourisco do Museu da República, homem com indumentária usada no dabke.

Podemos traçar semelhanças nas danças, na indumentária, nos ritmos e nos instrumentos musicais entre as duas culturas.

O gingado de danças populares nortistas e nordestinas, com movimentos fortes e pisadas no chão, muito se assemelha ao gingado de danças folclóricas como o Khalige, o Zahr, o Dabke e o Said, que possuem um ritmo compassado e com 'soluços', com fortes 'DUMs' (parte grave do ritmo), alguns se confundindo com o que seria o bater do coração, o que nos traz um aspecto comum ao homem em qualquer cultura. O ritmo forte traz à tona sua ligação com a terra, o lidar com a terra, o seu cultivo e os benefícios por ela trazidos.

O acordeon, muito presente em músicas do Nordeste, é instrumento obrigatório na dança Balady.

Alguns passos de Maracatu, dança típica de Pernambuco, possuem a mesma cadência de danças como o Khalige e a Tanura. O giro contínuo presente em diversos momentos do cortejo do Maracatu é típico da Tanura.

Imagem da Guerra de Canudos.
Flávio de Barros.

A indumentária do gaúcho, presente também nas danças, a bombacha (que nada mais é do que uma calça sarouel), a bota de cano alto, necessária a quem lida com cavalos, está também presente em uma dança árabe muito comum, o Dabke, executada em roda, em sua maioria por homens, mas também podendo ser dançada por mulheres. Os passos dessas danças também são parecidos - o sapatear constante marcando o ritmo, alternado com saltos. É interessante notar que, encontrei uma foto da Guerra de Canudos, com homens vestindo esta mesma indumentária.

No samba, tanto os movimentos soltos de quadril quanto o movimento delicado das mãos nos remetem à dança oriental feminina (dança do ventre). O passo do samba nos remete a um passo básico de uma dança feminina chamada Said, a passada da perna alterna-

damente pra trás com contra-tempo nada mais é do que o sambar que todos conhecemos.

Além destas semelhanças outras diversas podem ser traçadas. Estão presentes desde o mais simples movimento de mão à indumentária. O fato é que, dançar não é algo parado no tempo e nem em limites territoriais, se espalha, é arte e movimento.

III. Conceituação

Problematização

A falta de conhecimento da população brasileira da semelhança e até possível influência das danças e ritmos árabes na cultura brasileira. Não há no Brasil nenhum projeto que aponta e explica semelhanças entre nossas danças e danças árabes, embora a dança árabe tenha sido, direta ou indiretamente, influenciadora em vários aspectos, desde passos, até ritmos e instrumentos musicais.

Além disso, danças folclóricas fazem parte do Patrimônio Imaterial e estão em constante mutação, já que são realizadas pelo povo de determinada etnia, e possuem por isso, forte tradição de cultura oral. Existe uma real necessidade de documentá-las.

Objetivos

Preservação de uma expressão cultural que integra o Patrimônio Imaterial, a dança, através de peças gráficas que registram a imagem e o movimento de danças folclóricas árabes e brasileiras, ambas executadas em seus trajes típicos, acompanhadas de pequenos textos que explicam um pouco sobre cada uma. Documentar essas semelhanças entre os dois povos faz parte dessa estratégia de preservação.

Popularizar o conhecimento das danças árabes e derrubar alguns preconceitos criados pela mídia com o passar dos anos - mostrar que não é apenas mexer a barriga, - que há toda uma cultura e um motivo por trás das danças.

Reconhecer semelhanças, que podem indicar ascendência da cultura árabe sobre a brasileira, nas danças, ritmos e indumentária.

Através da aproximação com a realidade do outro (exótico), facilitar a aceitação e respeito com outra cultura.

Descrição do Projeto

Este projeto visa a disseminação de semelhanças entre danças árabes e brasileiras. Para isso, serão utilizadas três tipos de peças gráficas distintas. Serão elas: o flipbook, o cartão postal e um *spread* de revista.

Flipbook

No flipbook, a semelhança será evidenciada através do movimento do flipar. As danças comparadas são o maracatu (brasileira) e a tanura (árabe): o maracatu se transformará na tanura através do movimento. A comparação foi feita através do giro, pertinente às duas danças.

O flipbook possuirá frente e verso, sendo um lado para o maracatu e o outro para a tanura. Em função disso, possuirá também duas capas, uma para cada dança, com um pequeno texto explicativo sobre cada uma no verso.

Postal

O postal formará um conjunto como um quebra-cabeça. Serão três postais para cada dança, portanto, um conjunto terá seis postais no total. As danças escolhidas foram o maracatu e o khalige, que possuem posturas de dança similares. As três partes serão divididas da seguinte forma: cabeça, tronco e pés. O intuito é que o conjunto seja montado de diferentes maneiras para evidenciar essas semelhanças. Por exemplo: cabeça de khalige, tronco e pés de maracatu.

No verso haverá um glifo que através da cor identificará a qual conjunto pertence aquele postal e qual é aquela parte do corpo. Além de um pequeno texto explicativo sobre cada dança.

Spread de revista

O *spread* de revista, na verdade, será relativo às páginas ímpares, ocorrendo em duas páginas ímpares subsequentes, ocupando a folha toda. Serão realizados dois exemplos: um com o dabke sendo associado à dança gaúcha e outro com o zahr sendo associado às danças relativas ao Candomblé. Todas as danças mencionadas se assemelham entre si, tanto na indumentária quanto no modo de dançar.

Na primeira página haverá um *close* de alguma parte da foto usada para que seja criada uma ambigüidade visual com uma dança brasileira. Por exemplo, na primeira página temos um foco do

dabke que, na verdade, parece uma dança gaúcha. Ao virar a folha, na próxima página ímpar, irá se deparar com a foto inteira da dança que realmente é - o dabke (junto há um pequeno texto sobre a dança).

IV. Definições projetuais

Conteúdo

Desde o início do projeto foi definido que ,no âmbito das manifestações artísticas e culturais, abordaria a dança, posto a minha aproximação com essa forma de expressão. Outra decisão foi a de que seriam danças árabes comparadas às brasileiras.

A partir daí, por causa da grande quantidade de danças árabes, comecei a tentar dividi-las a partir de algum critério. O critério mais coeso que encontrei foi o histórico, ou seja, danças criadas antes e depois do séc. XIX, quando o oriente caiu no gosto do ocidente e a dança foi levada para o palco. Vale lembrar que essa foi uma divisão feita por mim, de modo a facilitar a escolha das danças para o meu projeto.

Folclóricas (pré séc. XIX)

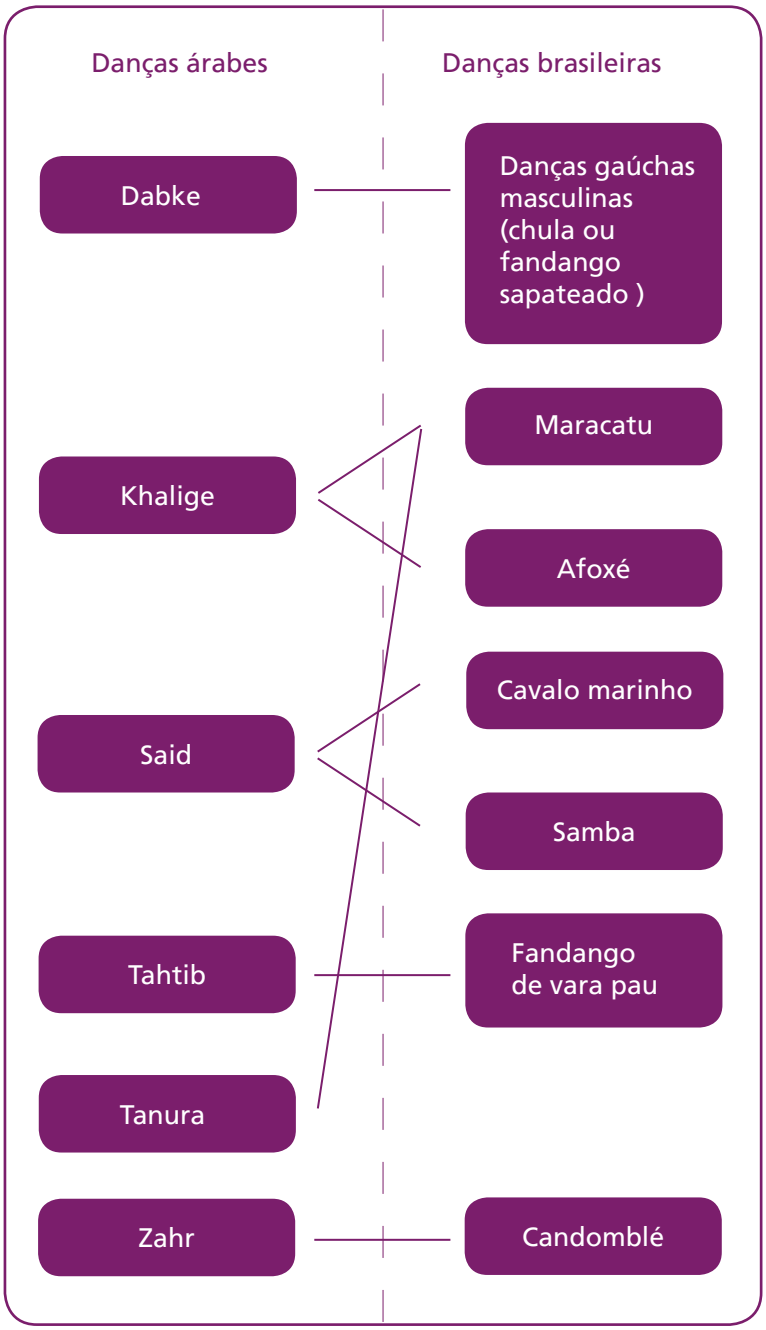
Balady;
Dabke (masculina e feminina);
Fallahi;
Ghawazee;
Guedra (ritualística);
Hagalla;
Karsilama;
Khalige;
Mowachahat (dança dos palácios);
Raks el Shamadan;
Said;
Schikhatt;
Tahtib (masculina);
Tanura;
Zahr (ritualística)

Danças para palco (pós séc. XIX)

Adaga/Punhal;
Espada;
Melea Laff;
Moderna;
Pandeiro;
Raks Al Balaas (dança do jarro);
Rotina de Dança;
Snujs;
Solo de Instrumentos (derbake, flauta...);
Taças (acredita-se que só existe no Brasil);
Tarab;
Tradicional;
Véu (normal, duplo, 7 véus)

Após essa divisão, achei mais coerente buscar nas danças chamadas por mim de “folclóricas”, que seriam a raiz de outras, as semelhanças com danças brasileiras. Eu já havia percebido algumas semelhanças e outras me foram mostradas por uma amiga, que ensina e estuda tanto danças árabes quanto brasileiras.

Chegamos às seguintes semelhanças que poderiam gerar algo interessante para o projeto:



Dentre estas foram escolhidas para o projeto as seguintes duplas:

Dabke | Danças gaúchas (chula ou fandango sapateado),
Khalige | Maracatu,
Tanura | Maracatu,
Zahr | Candomblé.

Abaixo informações sobre cada uma delas.

Dabke

Originária do Líbano e popular em todo Oriente Médio. Dançado em fila, tanto por homens quanto por mulheres. No início da fila, que sempre se move para a direita, se localiza sempre o mais experiente (homem na maioria das vezes). Ele determina o desenvolvimento da dança, e pode fazer passos mais ousados com saltos e 'sapateados'. Pode também sair da linha semicircular para demonstrar suas habilidades e chamar para um 'desafio' improvisado qualquer outro da fila. As pessoas se posicionam sempre lado a lado, de mãos dadas, e executam no ritmo, e em conjunto, pisadas fortes e cadenciadas no chão.

Danças gaúchas masculinas (Chula e fandango sapateado)

As danças gaúchas masculinas são chamadas danças Birivas - normalmente há um desafio improvisado entre os dançarinos. Dentre elas estão a Chula e o Fandango sapateado.

Chula

A chula é uma dança de agilidade masculina ou de habilidade sapateadora, em que os executantes demonstram suas qualidades individuais. É realizada com uma lança de 4 metros colocada no chão. O objetivo é executar diferentes sapateados avançando e recuando sobre a lança sem tocá-la. Assim que um bailarino termina sua seqüência, o próximo deve repeti-la e realizar uma nova.

Fandango sapateado

Chamou-se "fandango", no antigo Rio Grande do Sul, uma série de cantigas entremeadas de sapateado. Estas canções, bem como o ritmo, eram essencialmente mestiças do Brasil; já o sapateado - moldado ao ritmo regional - se originara das antigas danças de par solto, características da romântica Espanha. Os dançarinos formam uma roda e giram sapateando no chão ao ritmo da música.
O desafio acontece quando pequenos grupos da roda se deslocam para o meio e lá executam sapateados mais elaborados.

Khalige

Dança típica da região do Golfo Pérsico. O movimento mais marcante é o balanço e a jogada dos cabelos no ritmo da música, gingado. Os ombros marcam o ritmo e suas nuances e o quadril é quase nulo. Executada com uma bata ornamentada, de longas mangas que podem ser usadas para destacar movimentos do corpo. A bata pode ser manuseada para marcar o quadril. Os pés realizam um movimento simples: o pé da frente permanece apoiado no chão o tempo todo enquanto o de trás, em meia-ponta, 'empurra' o corpo no ritmo da música.

Maracatu

Manifestação popular típica do Estado de Pernambuco. Mistura das culturas indígena, africana e européia. Sua origem é relacionada à antiga tradição de coroação do Rei do Congo. O cortejo é formado por diversos personagens e cada qual executa uma ação e dança diferentes. Existem maracatus tradicionais que mantêm viva a ligação com a religião e por isso possuem o status de Nação. Além disso, há grupos culturais que praticam o maracatu livremente, sem relação oficial com a religião ou alguma comunidade específica.

Tanura

É uma dança de origem egípcia, performática, inspirada no ritual do Sama - dança meditativa dos Sufis. O Sufismo é considerado como a parte mística do Islã e tem como doutrina principal a promoção da tolerância, da piedade e do amor por Deus. Os Sufis acreditam que através de giros contínuos podem atingir a pureza interior e a conexão direta com Deus. Como performance, é usada uma longa saia multicolorida que é levantada durante o giro, tendo por baixo outra saia branca ou colorida. Há variações da dança com a manipulação de pequenos tambores enquanto o giro é realizado.

Zahr

É uma dança de transe, praticada no norte da África e no sul do Egito. Não é aceita pelo Islamismo por ter mantido fortes suas raízes em religiões politeístas. Melhor descrito como sendo uma cerimônia de cura, desobsessão e relaxamento, na qual utiliza-se percussão e dança. A maior parte dos líderes e dos participantes são mulheres. Atualmente, além do contexto original, religioso, também é executada como performance. A dança é composta por muitos giros de corpo e de cabeça e um balanço gingado do corpo no ritmo da música, que vai ganhando velocidade gradualmente até o ápice, quando a pessoa é libertada de todos os males.

Candomblé

Através do processo que leva o fiel a se aproximar ao Candomblé, o indivíduo é conduzido a viver intensamente no próprio corpo a experiência religiosa que o levará à transformação do sofrimento e da dor até um novo renascimento na força e na alegria de viver. Esse processo corporal levará à iniciação e à possibilidade de dançar no rito público do candomblé. A dança, que é dança de transe, adquire um duplo papel: de um lado dá-se a demonstração da experiência mística do fiel na transformação interior, e, por meio dos passos das coreografias, conta a história mítica e revela a visão de mundo do grupo.

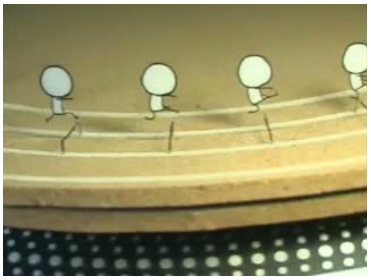
Referências de interesse para o projeto

Fotos próprias

Fotos produzidas por mim no 2º ano da Escola, para a disciplina de Fotografia, com fundo infinito preto e luz amarela. Retrata uma dança chamada de *tribal fusion* e consegue mostrar movimento e expressão presentes na dança. Minha pretensão é exatamente essa, destacar a dança em sua forma pura.

Phonographantasmascope

Vídeo feito de uma animação em giroscópio, usa fotografias de frames de um vídeo e recortes de papel posicionados em um disco que ao girar produz a sensação de movimento.



Zootrope Batman

Vídeo feito de uma animação em 3-D (com bonecos reais) em cima de um disco.

Comercial Itaú Uniclass

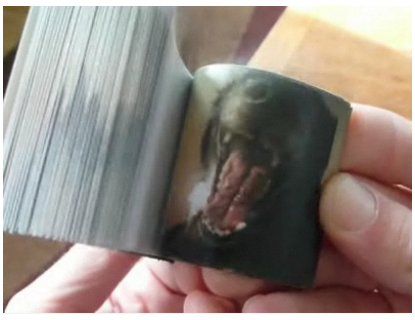
Comercial feito a partir de flipbooks fotográficos que ao se juntarem, como num dominó, montam a história de um casal.

Abertura "Junto e Misturado"

A minissérie de comédia da Rede Globo possui, em sua abertura, diversas imagens que alternam entre si diferentes cabeças, com troncos e pés, formando personagens inusitados.

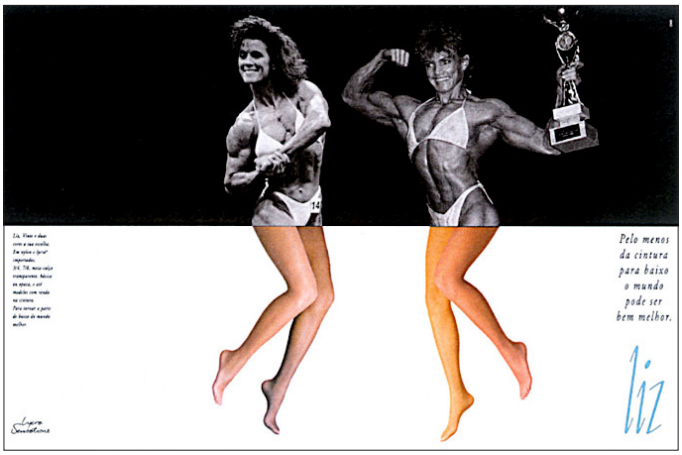
Flipbooks fotográficos do "The Curious blog"

Esse talvez seja o tipo de flipbook que mais se aproxima do que eu espero para o meu projeto, pois retrata bem o movimento através de fotos.



Campanha publicitária das meias "Liz"

Através de um recorte horizontal, mostra um corpo em pernas inusitadas que se encaixam em tais imagens.



Suportes

A escolha das peças gráficas foi feita a partir de critérios que facilitassem o entendimento de cada mensagem nos suportes específicos. A mídia escolhida foi a impressa, porém cada qual diferente da outra. Como já foi mencionado anteriormente, foram escolhidos o flipbook, o cartão postal e o *spread* de revista. Todos possuem o mesmo objetivo, intrigar e causar no espectador surpresa ao perceber semelhanças entre danças árabes e brasileiras, além de transmitir informações sobre cada uma das danças.

Porém, cada peça possui suas particularidades e modos de comunicação diferentes. Não se trata de mera transposição de conteúdos para suportes diferentes, mas de um projeto que visa o entendimento, a partir de uma análise, de linguagens específicas.

O flipbook, por sua natureza, possibilita o uso de movimentos para a transmissão da mensagem. É capaz de apresentar uma coisa se transformando em outra, como se fosse um vídeo. Por isso, as danças escolhidas foram duas que tivessem a semelhança evidenciada através de movimentos, no caso, o giro do maracatu com o giro da tanura.

O cartão postal possibilita a formação de um conjunto, pois é uma peça pequena, de fácil manipulação e muitas vezes colecionável. Suas características possibilitam que cada postal tenha uma imagem diferente e seja complementar ao outro. A partir de brinquedos infantis, que possuem cabeça, tronco e pés intercambiáveis, veio a idéia de fazer o mesmo com duas danças que tivessem poses semelhantes na dança. Sendo assim, seria possível misturar as partes do corpo, formando uma dançarina inusitada, com cabeça de árabe, tronco de brasileira e pés de árabe, ou qualquer outra formação entre elas. Para isso, as danças escolhidas foram o khalige e o maracatu.

O *spread* de revista, que na verdade é a utilização de duas páginas ímpares subsequentes de revista, seria como uma propaganda. O interessante dessa peça é que existe o virar da página, possibilitando a surpresa nessa próxima página. Essa é a única peça do projeto que permite a não utilização de imagens das duas danças comparadas, pois na primeira página ímpar é mostrado um fragmento de uma imagem "X" que parece uma dança brasileira, e ao folhear-se para a próxima página ímpar, a imagem "X" é mostrada inteira - então é possível ver que a dança na verdade era árabe. Ou seja, apenas uma imagem é utilizada, a imagem da dança árabe. A semelhança se dá por uma parte da imagem. Para isso, buscou-se

danças que fossem semelhantes principalmente na indumentária. Foram produzidas duas opções diferentes dessa peça, uma de danças gaúchas (chula ou fandango sapateado) com o dabke e outra do candomblé com o zahr.

V. Desenvolvimento do projeto

Produção fotográfica

Todas as imagens foram produzidas por mim e tiveram como referência fotos de bailarinas que já havia produzido.Para isso, utilizei o estúdio fotográfico da Esdi e a câmera Nikon D80.

Escolhi utilizar fundo infinito preto para todas as fotos, pois desse modo o que fica evidenciado é o bailarino e sua indumentária. Todas elas tiveram a mesma iluminação: duas lâmpadas brancas e uma amarela.

Abaixo segue a reprodução das imagens e uma pequena descrição da produção de cada uma:

Flipbook

Foi feito um filmete que foi dividido em *frames*, num intervalo de 2s para cada um.

O figurino escolhido foi uma saia branca sobreposta por uma saia colorida e uma bata branca, já que assim poderia se passar por maracatu e tanura.

A maquiagem foi leve e discreta, já que o mais importante era o movimento.

Cartão postal

Maracatu

Foi usada uma saia colorida e uma bata branca, que remetem à dança. A maquiagem continuou leve para passar o ar natural do maracatu. Escolhi utilizar o mesmo figurino para os dois maracatus para criar uma 'identidade' maracatu no projeto.

Khalige

Foi usada uma bata típica preta com bordados em dourado, maquiagem que marcava bem os olhos, parte fortemente presente em todas as danças femininas do Oriente Médio.

Spread de revista

Dabke

Foi usada a indumentária típica do dabke que conta com a bota, uma calça bufante (estilo sarouel), uma blusa de mangas compridas amarela com um colete vermelho bordado por cima e na cabeça o Keffiyeh (lenço típico do Oriente Médio). A maquiagem foi utilizada apenas para amenizar o brilho do rosto, já que queria se passar uma imagem o mais natural possível.

Zahr

O figurino utilizado foi uma bata branca, típica do ritual do zahr, amarrado ao quadril, para marcá-lo, um lenço de contas de uma cor próxima ao tom terra. A maquiagem foi bem marcada nos olhos por causa dos costumes das mulheres do Oriente Médio, e também para demarcar os olhos ao mantê-los fechados para demonstrar o transe.

Partido gráfico

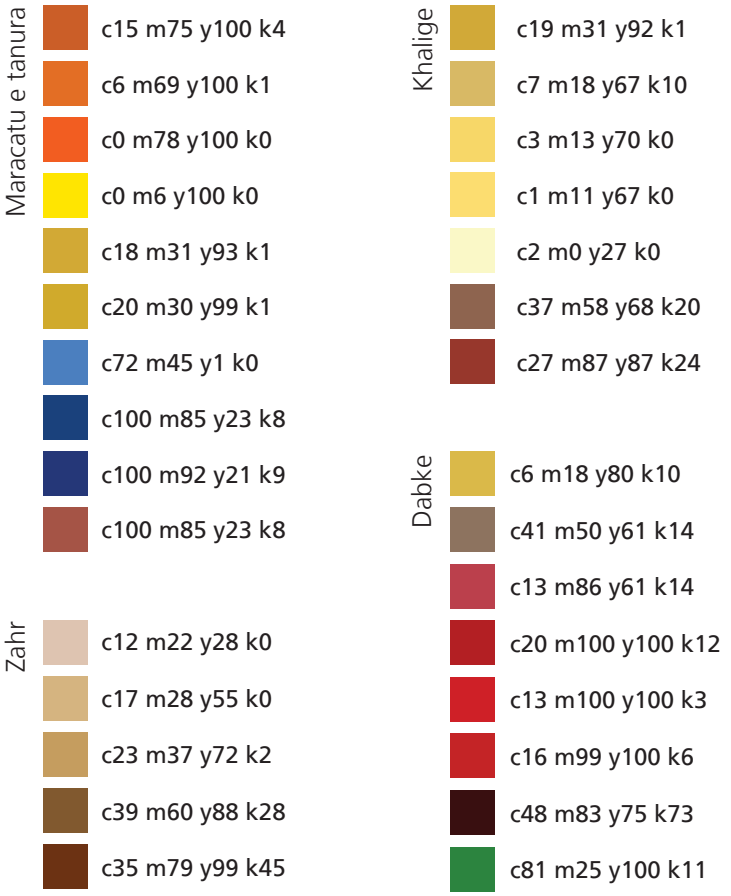
Definições gerais

O projeto gráfico de todas as peças partiu da produção fotográfica. Com base em suas cores e em seus enquadramentos, ele foi se articulando. Porém, a diagramação de cada peça gráfica é diferente da outra, e mesmo assim elas formam um conjunto facilmente identificável por possuírem pontos em comum. São desses pontos que falarei a seguir.

Cor do fundo

Decidi que seriam usadas inserções de cores nas peças. No postal e no flipbook essa inserção se dá em página inteira como o fundo para a parte textual. No caso do *spread* de revista essa área de cor é aplicada sobre a imagem para a parte textual.

Todas as cores foram escolhidas a partir de uma palheta de cores formada de cada foto.



Após analisar cada imagem e o estilo de cada dança, decidi quais seriam as cores sólidas usadas:

Maracatu	c6 m69 y100 k1
Dabke	c13 m100 y100 k3
Khalige	c7 m18 y67 k10
Tanura	c100 m85 y23 k8
Zahr	c39 m60 y88 k28

Tipografia

A fonte escolhida para os textos das peças foi a Frutiger, pois é sem serifa e possui uma geometria leve, arejada, de grande abertura e equilíbro, possui boa legibilidade não só para títulos, mas também para textos corridos.

Partido gráfico

Logotipo

Conceito

O título do projeto que é também a frase que deu origem ao logotipo, “o todo não é a parte” surgiu a partir da ideia de algo que parece mas não é, ou seja, a parte parece uma coisa mas o todo, na verdade, é outra - o que nos remete ao jogo visual utilizado nas peças gráficas. Em todas elas existe a intenção de demonstrar a semelhança através de partes de um todo, que são as diferentes danças.

Porém, uma outra leitura também é possível, e nesse caso uma “crase” muda tudo. “O todo não é à parte” caracteriza que nada está num mundo completamente à parte do outro. Por causa disso, as danças se entrelaçam à medida em que as culturas se unem.

Outra interpretação possível para essa frase com “a” craseado é a de que grande parte do povo brasileiro (‘o todo’), que antes desconhecia danças árabes, passa a conhecê-las e deixa de viver à parte destas.

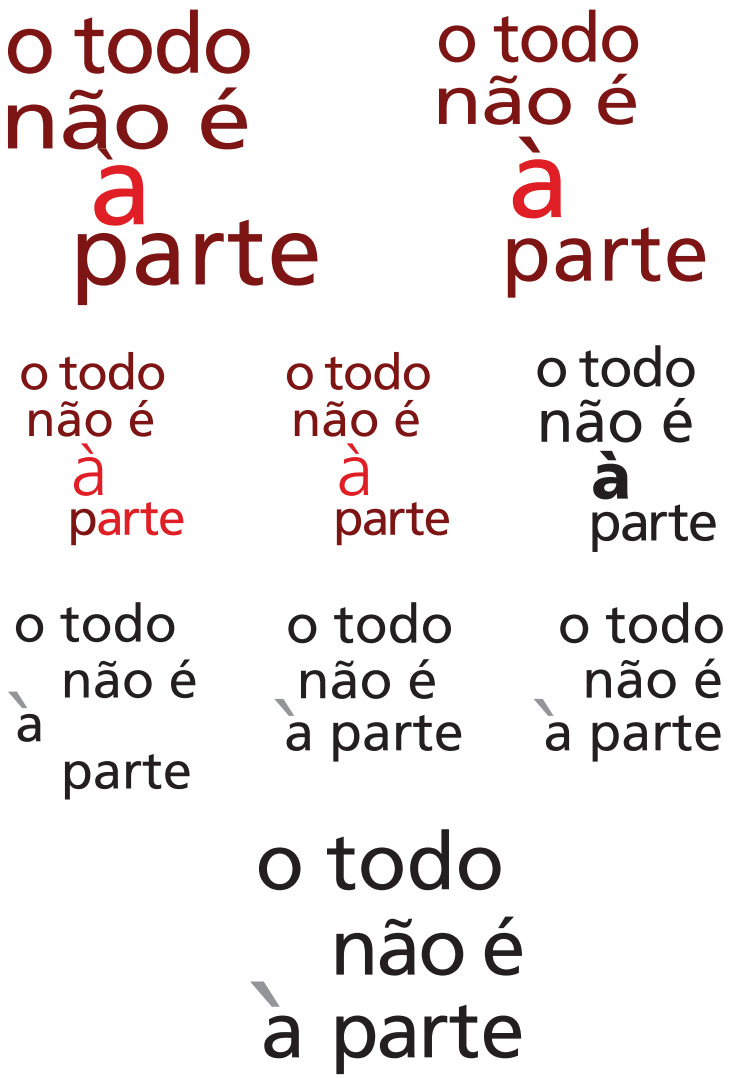
Partido gráfico

Logotipo

Desenvolvimento

Com esse conceito surgiu a necessidade de um logotipo que transmitisse todas essas mensagens. Uma fragmentação do texto, de forma que a crase parecesse um adendo, algo que fosse 'à parte' do *slogan* tradicional ("o todo não é a parte") - teria que ser possível ler o *slogan* com ou sem a crase.

Foram realizados diversos estudos, alguns usando o artigo "a" separado do restante da frase, ou de tamanho diferenciado, cor diferenciada, enfim. Todos esses primeiros estudos foram feitos com a fonte Frutiger, escolhida para todos os textos do projeto.



Partido gráfico

Logotipo

Finalização

_Tipografia

Após diversas tentativas com a Frutiger, foi sugerido usar uma fonte de serifa quadrada. Depois de muita pesquisa, a escolhida foi a Museo, uma fonte que, por lembrar o desenho tipográfico dos caracteres de uma máquina de escrever, passa a ideia de informalidade; de algo 'pop'. É robusta, geométrica e possui ótima legibilidade.

_Cores

O logotipo será sempre aplicado na cor branca, já que sua utilização é prevista sempre em fundo de cor sólida que possibilite contraste com o branco. A crase terá uma diferenciação cromática que será descrita no próximo item.

_Crase

A crase se tornou o ponto chave do logotipo - ela precisava 'funcionar' para que todo o sentido presente no *slogan* fosse entendido. A decisão foi de uma diferenciação cromática do resto do logotipo e uma intervenção no desenho da crase para permitir a leitura de duplo sentido.

A diferenciação cromática pode acontecer de duas formas diferentes. A primeira é através do uso de retícula, ou seja, uma porcentagem de tom (tint 50%) da cor sólida do fundo da peça. A segunda é em cor complementar segundo a conceituação do projeto (com relação aos pares de dança).

Optei por desenhar a crase, ao invés de usar a crase da fonte, já que a intenção era de aparentar que aquela teria sido adicionada posteriormente, como em uma correção de texto. Sendo assim, após diversas tentativas, a decisão foi utilizar uma crase reta para se adequar à ideia de uma correção informal.

Partido gráfico

Logotipo

Finalização

_Espaçamentos

_Resultado

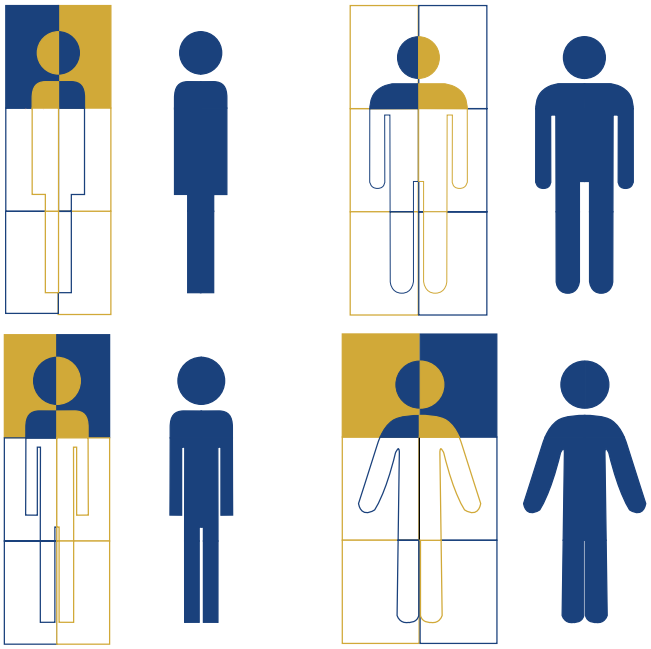
o todo
não é
à parte

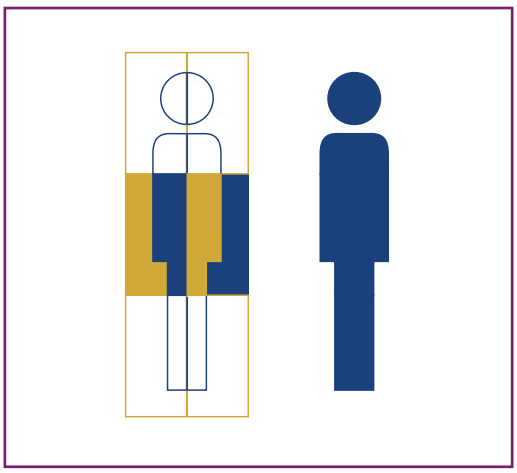
Partido gráfico

Pictograma

Foi necessário estabelecer um pictograma a ser usado como guia informativo para a montagem dos postais. Tal pictograma possibilita também futuras aplicações, como indicações de qual parte do corpo é mais importante para qual dança.

Analisei diversos pictogramas, e queria uma figura que fosse ‘neutra’ e diferente dos convencionais. Optei por um desenho mais limpo e simples, que possibilitasse claramente a divisão do corpo em: cabeça, tronco e perna.





Partido gráfico

Flipbook

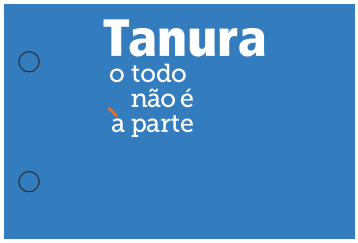
O flipbook foi feito a partir de um vídeo posteriormente cortado em ‘frames’. As danças escolhidas foram o maracatu e a tanura, devido à semelhança do giro. Ele retrata o giro do maracatu se transformando no da tanura.

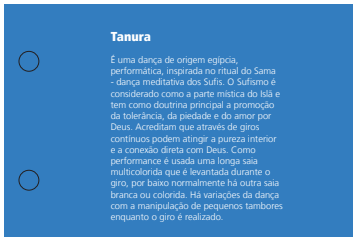
Ficou decidido que o flip seria frente e verso: de um lado o giro do maracatu e do outro o da tanura. O formato fechado é de 10,5 x 7cm, pois garante uma boa visualização e manipulação.

Capa

A capa desempenha o importante papel de indicar qual lado pertence à qual dança, além de conter em seu verso o texto explicativo sobre a dança e o logotipo do projeto. Cada uma possui uma cor sólida referente à sua dança.

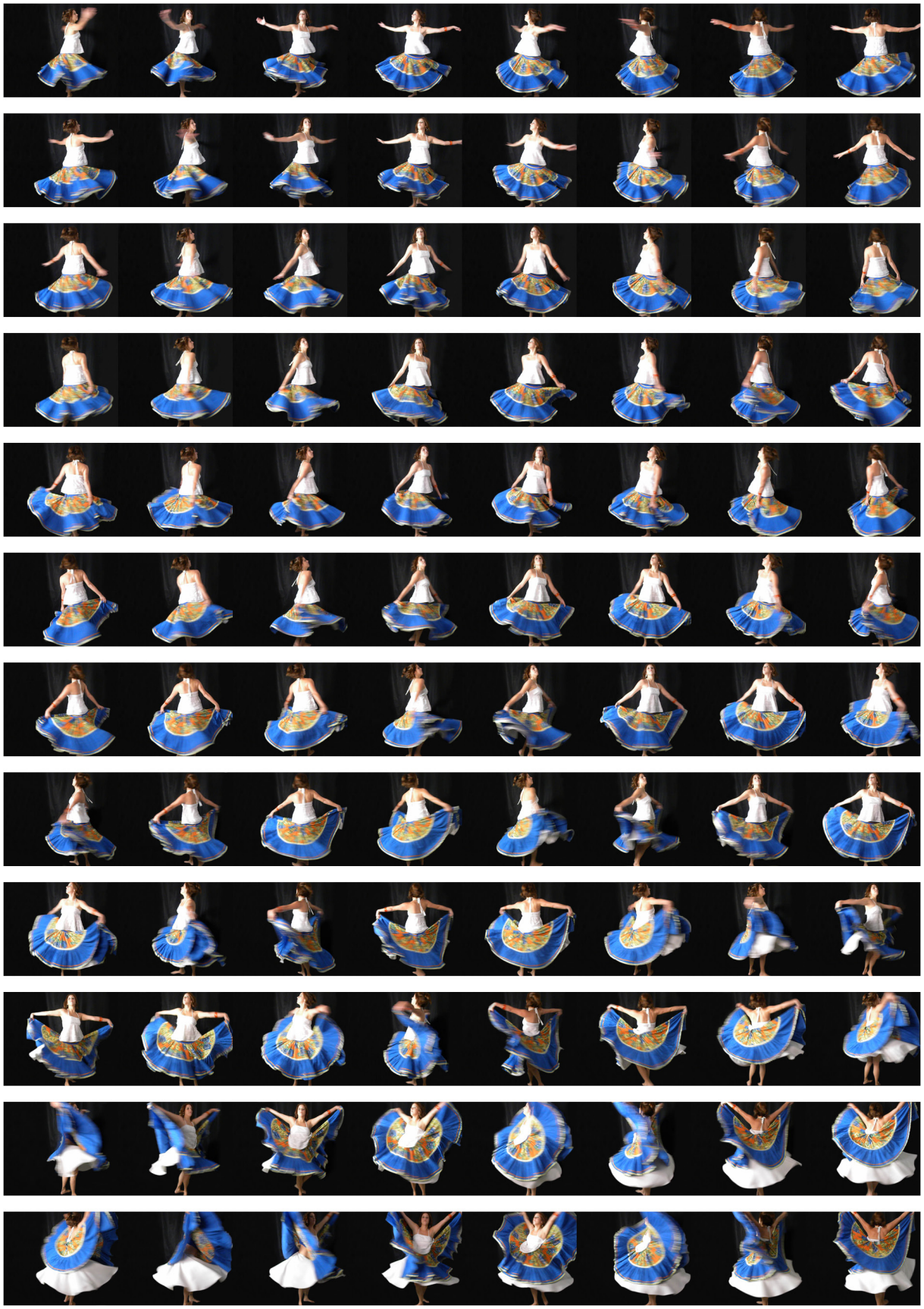
Abaixo as primeiras ideias para a capa.

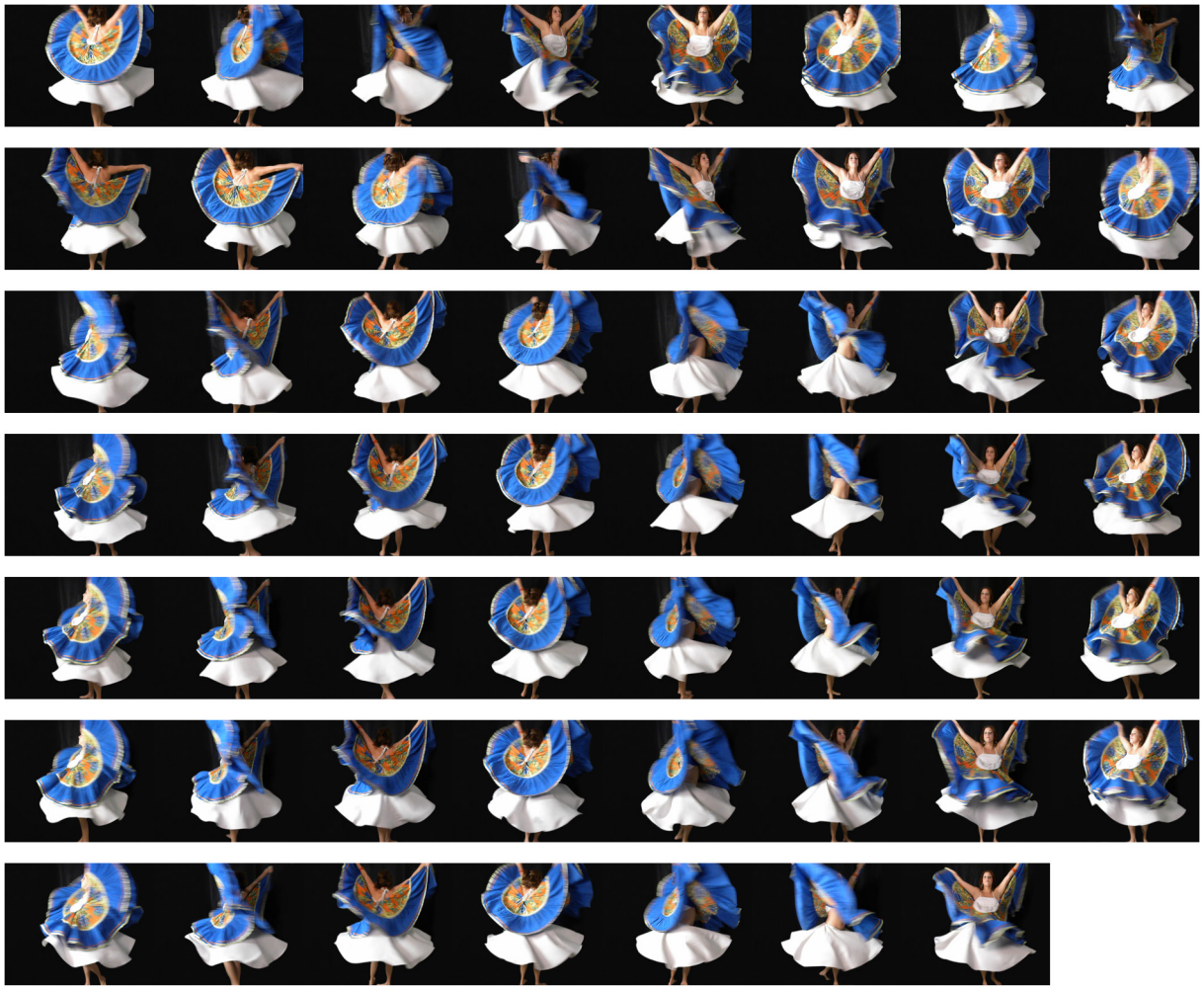




Miolo

Consiste de 260 frames divididos em frente e verso, ou seja, 130 frames para cada dança.





Partido gráfico

Cartão postal

O postal terá um caráter lúdico - como um quebra-cabeças possibilitará diferentes montagens. Seu formato será o padrão 10 x 15cm.

As danças que irá comparar serão o maracatu e o khalige, que se assemelham pelas posições de dança e pelo gingado.

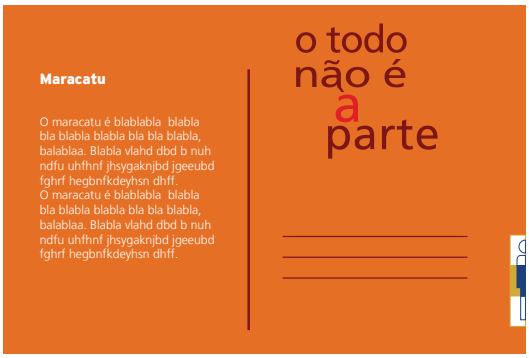
Frente

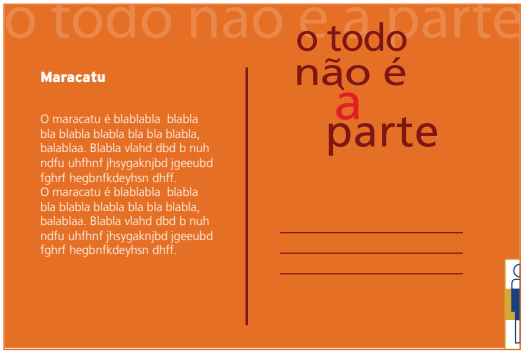
A frente do postal será composta apenas pelas imagens de dimensões iguais de tais danças. A composição inteira de cada dança será dividida em três partes (cabeça, tronco e pernas).

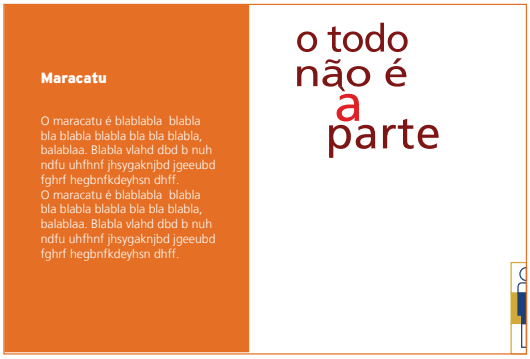
Verso

O verso do postal consiste de uma chapada de cor sólida escolhida para cada dança, na qual incidem os textos explicativos, o logotipo e o pictograma que indica, através de cores, a ligação dos postais.

Abaixo as primeiras tentativas de diagramação.







Partido gráfico

Spread de revista

O *spread* de revista tem como fundo as fotografias produzidas por mim. Serão inseridos na revista como um anúncio de página inteira. O formato escolhido foi o Magazine, 20 x 26,5cm.

Essa peça, exclusivamente, possui duas opções. Uma que compara danças gaúchas com o dabke e outra que compara o candomblé com o zahr.

A comparação se dá através do virar da página: na primeira página ímpar aparece um close da imagem que se parece com uma dança, e na segunda página ímpar aparece a mesma imagem inteira e é possível identificar a dança 'real'.

Primeira página ímpar

Além da imagem em close, contém uma pergunta que guia o espectador à referência de uma dança brasileira parecida com a que será apresentada depois. A pergunta identifica a dança que está sendo comparada.

Tais frases são:
Dança gaúcha X Dabke – "Dança gaúcha?"
Candomblé X Zahr – "Candomblé?"

Esse texto entra sempre em branco vasado na área de preto sólido da imagem.

Segunda página ímpar

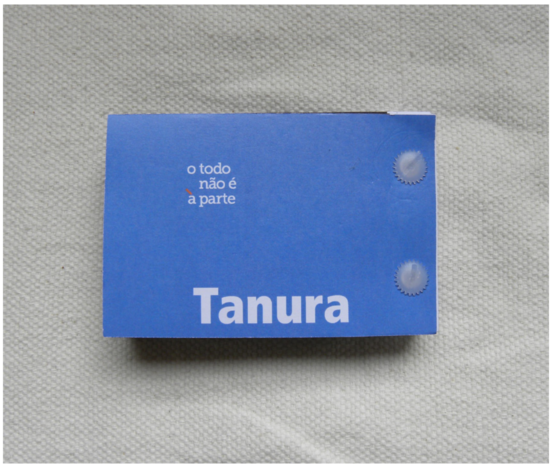
A imagem aparece totalmente e a frase “dança árabe!” aparece também em branco na área em preto. Nessa página há uma inserção da cor sólida escolhida para cada dança na forma de uma aba de fichário, com a explicação da dança e o logotipo do projeto.

Primeiras tentativas:

VI. O projeto

Flipbook

o todo
não é
a parte
Maracatu

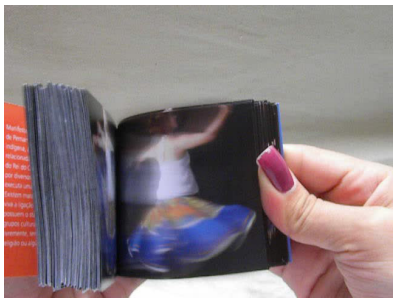

o todo
não é
a parte
Tanura

Maracatu
Manifestação popular típica do Estado
de Pernambuco. Mistura das culturas
indígena, africana e européia. Sua origem é
relacionada à antiga tradição de coroação
do Rei do Congo. O cortejo é formado
por diversos personagens e cada qual
executa uma ação e dança diferentes.
Existem maracatus tradicionais que mantém
viva a ligação com a religião e por isso
possuem o status de Nação. Além disso, há
grupos culturais que praticam o maracatu
livremente, sem relação oficial com a
religião ou alguma comunidade específica

Tanura
É uma dança de origem egípcia,
performática, inspirada no ritual do Sama
- dança meditativa dos Sufis. O Sufismo é
considerado como a parte mística do Islã e
tem como doutrina principal a promoção
da tolerância, da piedade e do amor por
Deus. Os Sufis acreditam que através de
giros contínuos podem atingir a pureza
interior e a conexão direta com Deus.
Como performance, é usada uma longa
saia multicolorida que é levantada durante
o giro, tendo por baixo outra saia branca
ou colorida. Há variações da dança com
a manipulação de pequenos tambores
enquanto o giro é realizado.

o todo
não é
à parte
Maracatu

Maracatu



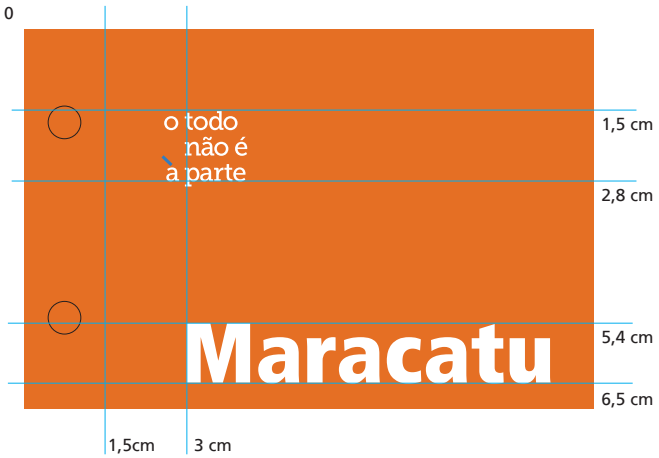
o todo
não é
à parte
Tanura

o todo
não é
à parte
Maracatu

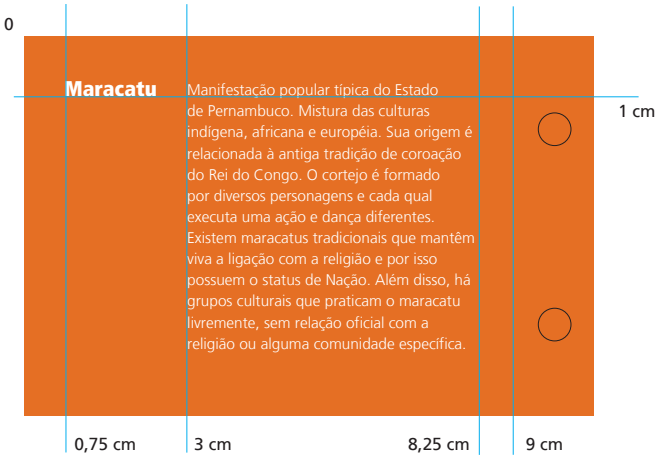
o todo
não é
à parte
Tanura

Flipbook - 10,5 x 7 cm

Capa - especificações



Título
Frutiger LT 87 ExtraBlackCn
corpo 44pt

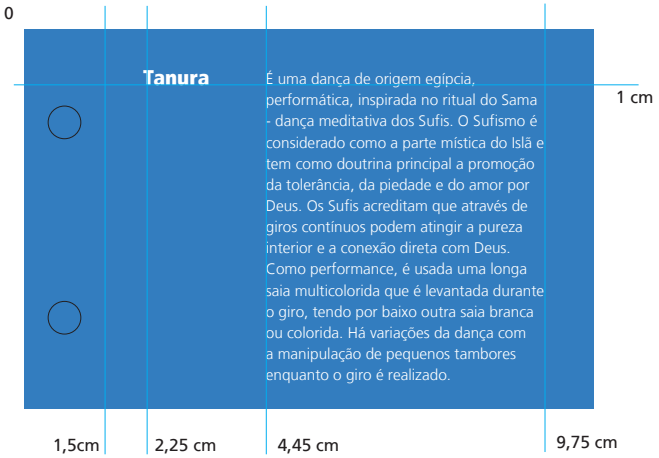


Título
Frutiger LT 87 ExtraBlackCn
corpo 11pt

Texto
Frutiger LT 45 Light
corpo 8pt
entrelinha 11pt

Flipbook - 10,5 x 7 cm

Capa - especificações



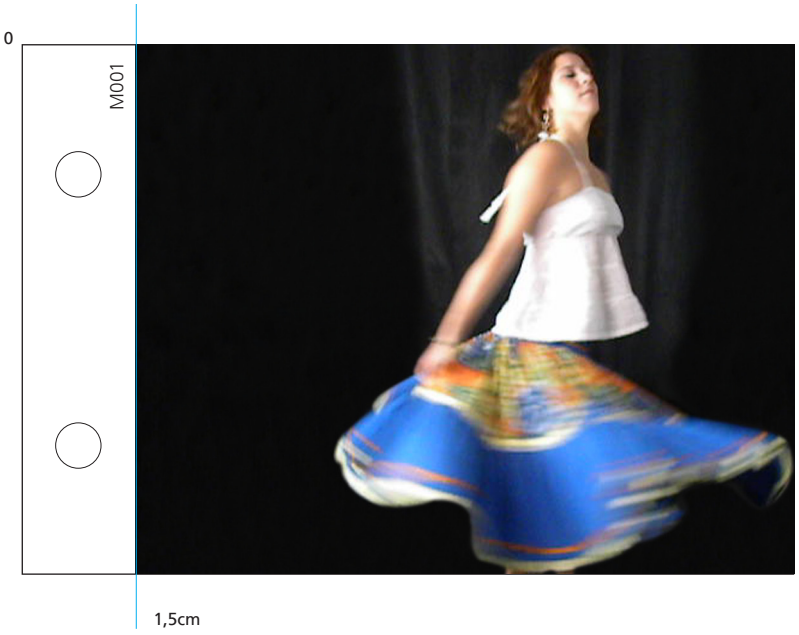
Título
Frutiger LT 87 ExtraBlackCn
corpo 11pt

Texto
Frutiger LT 45 Light
corpo 8pt
entrelinha 11pt

Título
Frutiger LT 87 ExtraBlackCn
corpo 44pt

Flipbook - 10,5 x 7 cm

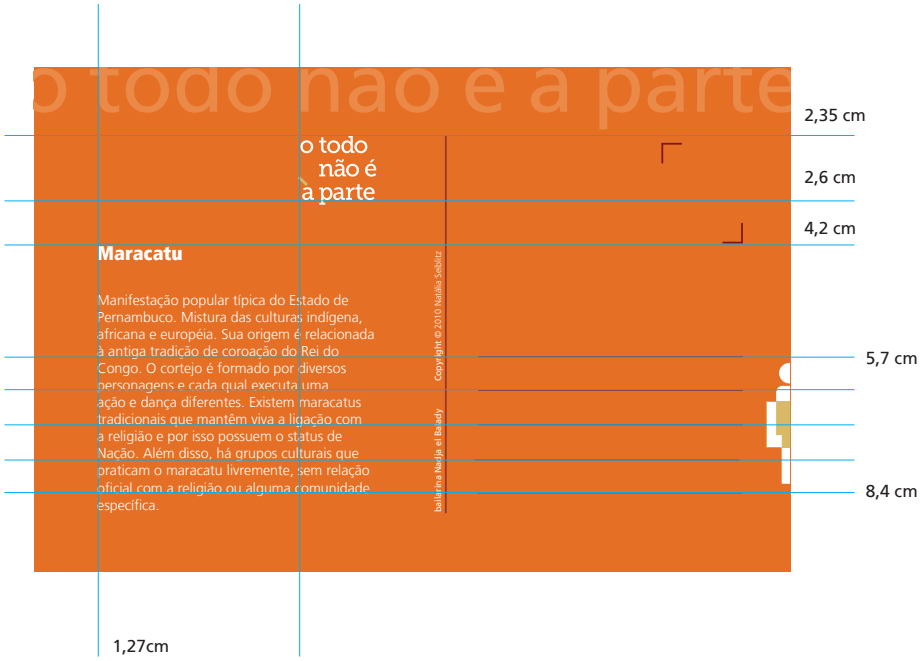
Miolo - especificações



Cartão postal

Postal - 10 x 15 cm

Verso - especificações



Cabeçalho
Frutiger LT 55 Roman
corpo 47pt

Título da dança
Frutiger LT 87 ExtraBlackCn
corpo 11pt

Texto
Frutiger LT 45 Light
corpo 8pt
entrelinha 9,6 pt

Créditos
Frutiger LT 55 Roman
corpo 5

Spread de revista

Spread de revista - 20 x 26,5 cm

Segunda página - especificações

VII. Referências

Bibliográficas

AL-RAWI, Rosina-Fawzia B. *Grandmother´s Secrets: the ancient rituals and healing power of bellydancing.* 1ª Ed. Massachusetts: Interlink Books, 2009.

AL ZAYER, Penni. *Middle Eastern Dance.* 1ª Ed. Nova Iorque: Chelsea House, 2004.

BUONAVENTURA, WENDY. *Serpent of the Nile: Women and Dance in the Arab World.* 1ª ed. Londres: Saqi Books, 1998.

_____. *Serpent of the Nile: Women and Dance in the Arab World.* 1ª ed. Massachusetts: Interlink Books, 2010.

DE BARROS LARAIA, Roque. *Cultura: um conceito antropológico.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1986.

DE ORNELLAS, Manoelito. *Gaúchos e Beduínos*. Porto Alegre: Martins Livreiro - Editor, 1999.

JÚNIOR, Manuel Diegues. *Etnias e Culturas no Brasil*. 5ª ed. São Paulo: Civilização Brasileira, 1976.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Raça e História.* Lisboa: Ed. Presença, 1973.

SHARIF, Keti. *Bellydance: A guide to Middle Eastern Dance, its Music, Culture and Costume.* 1ª ed. Australia: Allen & Unwin, 2004.

Internet

Barbara, Rosamaria. A dança das Aiabás: dança, corpo e cotidiano das mulheres de candomblé. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas: 2005. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8132/tde-09082004-085333/pt-br.php>. 3 de dezembro de 2010.

Belly Dancing Article - Naming Belly Dance. Disponível em: <http://www.bellydance.org/articles/naming.html>. 11 de maio de 2010.

"Bellydance Plus! Caroline Abrie's Photo Gallery, Part 1, Egyptian Folk-Style Costumes." Disponível em: <http://www.bellydanceplus.com/photos/labrie1.htm>. 11 de maio de 2010.

Bourdoukan, Georges. Quem são os Árabes. Disponível em: <http://arabesc.multiply.com/journal/item/62/62>. 9 de maio de 2010.

Centro Cultural Beneficente Islâmico de Foz do Iguaçu. Os Árabes. Disponível em: <http://www.islam.com.br/profeta/profeta07.htm>. 9 de maio de 2010.

Danças e ritmos. Disponível em: <http://www.sougaucho.com.br/dancamusica/dancas.htm>. 2 de dezembro de 2010.

Danças gaúchas. Disponível em: < http://www.sitecurupira.com.br/ze/bailanta.htm >. 2 de dezembro de 2010.

Dança gaúcha e influências. Disponível em: <http://www.pampasonline.com.br/Terrasdosul/dancas.htm >. 2 de dezembro de 2010.

Etni cidade. Imigração Árabe. Disponível em: <www.etni-cidade.net/arabes.htm>. 08 de setembro de 2010.

Fontanella, Tamaris. Disponível em: <http://nucleodedancas.blogspot.com/2009/06/modalidades-de-danca-do-ventre.html>. 11 de maio de 2010.

História do Mundo. Civilização Árabe - A história dos Árabes. Disponível em: <http://www.historiadomundo.com.br/arabe/arabes.htm>. 9 de maio de 2010.

História do Mundo. Mapa dos países de influência Árabe. Disponível em: <http://www.historiadomundo.com.br/arabe/mapa-paises-influencia-arabe.htm>.9 de maio de 2010.

História do Mundo. Religião dos Árabes - História da religião dos Árabes. Disponível em: <http://www.historiadomundo.com.br/arabe/religiao-arabe.htm>. 9 de maio de 2010.

Luxner, Larry, and Douglas Engle. Saudi Aramco World : The Arabs of Brazil. Disponível em: <http://www.saudiaramcoworld.com/issue/200505/the.arabs.of.brazil.htm>. 09 de agosto de 2010.

Mott, Maria Lucia. Brasil 500 anos. IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/brasil500/arabes.html>. 9 de agosto de 2010.

Noções sobre a formação das danças populares. Disponível em: < http://www.paginadogaucho.com.br/danc/nocoes.htm >. 2 de dezembro de 2010.

Otuzi, Raul. Ehduca. Disponível em: <http://ehduca.blogspot.com/2006_01_29_archive.html>. 18 de outubro de 2010.

Photojojo!. Make Your Own Fancy Photo Flip Book! Disponível em: <http://content.photojojo.com/diy/photoshop-photo-flipbook/>. 5 de outubro de 2010.

Portal Arabesq. Os Árabes - Identidade e História. Disponível em: <http://www.arabesq.com.br/Principal/Cultura/CultureArticle/tabid/58/ArticleID/443/Default.aspx>. 9 de maio de 2010.

Portal Líbano Show. Disponível em: <http://www.libanoshow.com/>. 9 de maio de 2010.

Salome. A brief history of Oriental Dance. Disponível em: <http://www.orientaldancer.net/articles/a_brief_history.shtml>. 17 de junho de 2010.

Shira. Belly Dance Terms: A Glossary. Disponível em: <http://www.shira.net/glossary.htm>. 11 de maio de 2010.

Studio Fenix Belly Dance. A Dança. Disponível em: <http://www.studiofenixbellydance.com.br/adan%E7a/index.htm>. 11 de maio de 2010.

Sua Pesquisa - Portal de Pesquisas Temáticas. Império Árabe - história, cultura Árabe, mundo islâmico. Disponível em: <http://www.suapesquisa.com/historia/arabe/>. 9 de maio de 2010.

Sua Pesquisa - Portal de Pesquisas Temáticas. Islamismo - História da Religião Muçulmana. Disponível em: <http://www.suapesquisa.com/islamismo/>. 9 de maio de 2010.

Sua Pesquisa - Portal de Pesquisas Temáticas. Judaísmo – História e Religião. Disponível em: <http://www.suapesquisa.com/judaismo/>. 9 de maio de 2010.

The Curious Blog - Handmade Flipbooks. Disponível em: <http://thecurio.us/blog/?p=14#comment-343>. 5 de outubro de 2010.

Welcome to Morocco's Meanderings. Disponível em: <http://www.casbahdance.org/REPERTOIRE1.htm>. 11 de maio de 2010.

Créditos das imagens

Página 17 até 24

_Buonaventura, Wendy. Serpent of the Nile: Women and Dance in the Arab World. 1ª ed. Massachusetts: Interlink Books, 2010.

Página 26

_Fotos tiradas por mim no Museu da República.

Página 36

_Dabke - <http://images03.olx.com.br/ui/1/52/93/12684993_4.jpg>

_Chula - <http://www.maristas.org.br/portal/img/2010_5_14_chula.jpg>

_Fandango sapateado - <http://1.bp.blogspot.com/__pdbZXvX_mg/Sb_nVabuyml/AAAAAAAAAMo/z7534co-09k/s400/S1010112.jpg>

Página 37

_Khalige e Tanura 1- Al Zayer, Penni. Middle Eastern Dance. 1ª Ed. Nova Iorque: Chelsea House, 2004.

_Maracatu 1 e 2 - <http://revistaraiz.uol.com.br/portal/images/stories/noticias/batuque_b_18082006.jpg> e <http://blig.ig.com.br/blogdafolia/files/2008/01/maracatu.jpg>

_Tanura 2 - <http://esuuk.org/images/tanoura.jpg>

Página 38

_Candomblé - <http://www.mostraetnografica.com.br/imagens/cartazes/46.jpg>

_Zahr - <http://www.amany.he.com.br/danca/dancas_folcloricas/zaar.jpg>